

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

PERVERSE CAPITALISM AND THE ILLNESSES IN THE DIFFERENT AREAS OF THE LIVES OF ELDERLY BLACK WOMEN

Clara Fernández Herrera¹

Nanci Soares²

Yadira Arnet Fernández³

RESUMO

Este artigo analisa criticamente as implicações do capitalismo sobre o envelhecimento de mulheres negras idosas no Brasil, destacando como a interseção entre classe, raça, gênero e geração aprofunda suas vulnerabilidades. A partir do materialismo histórico-dialético e de uma abordagem bibliográfica, o estudo demonstra que o racismo estrutural e o patriarcado, em articulação com a lógica da acumulação capitalista, condicionam as trajetórias dessas mulheres. Evidencia-se que a superexploração do trabalho e a ausência de políticas de reparação histórica resultam em precariedade material e exclusão social na velhice. Argumenta-se que a naturalização do envelhecimento e o universalismo abstrato das políticas públicas mascam as desigualdades acumuladas, limitando o direito de envelhecer com dignidade. Reafirma-se a urgência de políticas sociais universais e interseccionais que reconheçam a velhice das mulheres negras como uma expressão da questão social e que assegurem sua plena cidadania.

Palavras-chave: capitalismo; envelhecimento; mulheres negras; interseccionalidade; Serviço Social.

ABSTRACT

¹ Mestre em Educação Especial. Instituto Superior Pedagógico "Enrique José Varona". Universidad de la Habana/ CH, Cuba. clarita5408@gmail.com

² Faculdade de Ciências Humanas e Sociais UNESP. Campus de Franca/SP, Brasil. Assistente Social. E-mail: nanci.soares@unesp.br

³ Faculdade de Ciências Humanas e Sociais UNESP. Campus de Franca/SP, Brasil. Pós-doutora em Serviço Social. E-mail: arnet.fernandez@unesp.br

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

This article critically analyzes the implications of capitalism on the aging of elderly Black women in Brazil, highlighting how the intersection between class, race, gender, and generation deepens their vulnerabilities. Based on a historical-dialectical materialism and a bibliographic approach, the study demonstrates that structural racism and patriarchy, in articulation with the logic of capitalist accumulation, condition the life trajectories of these women. It is evident that the over-exploitation of labor and the absence of historical reparation policies result in material precariousness and social exclusion in old age. It is argued that the naturalization of aging and the abstract universalism of public policies mask the accumulated inequalities, limiting the right to age with dignity. The urgency of universal and intersectional social policies that recognize the old age of Black women as an expression of the social question and ensure their full citizenship is reaffirmed.

Keywords: capitalism; aging; black women; intersectionality; Social Work.

RESUMEN

Este artículo analiza críticamente las implicaciones del capitalismo en el envejecimiento de las mujeres negras ancianas en Brasil, destacando cómo la intersección entre clase, raza, género y generación profundiza sus vulnerabilidades. A partir del materialismo histórico-dialéctico y de un enfoque bibliográfico, el estudio demuestra que el racismo estructural y el patriarcado, en articulación con la lógica de la acumulación capitalista, condicionan las trayectorias de estas mujeres. Se evidencia que la sobreexplotación del trabajo y la ausencia de políticas de reparación histórica resultan en precariedad material y exclusión social en la vejez. Se argumenta que la naturalización del envejecimiento y el universalismo abstracto de las políticas públicas ocultan las desigualdades acumuladas, limitando el derecho a envejecer con dignidad. Se reafirma la urgencia de políticas sociales universales e interseccionales que reconozcan la vejez de las mujeres negras como una expresión de la cuestión social y que aseguren su plena ciudadanía.

Palabras clave: capitalismo; envejecimiento; mujeres negras; interseccionalidad; Servicio Social.

INTRODUÇÃO

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

O capitalismo, enquanto sistema político-econômico que se consolida a partir do final do século XVIII, sustenta-se na lógica da acumulação, da exploração do trabalho assalariado e da apropriação privada da mais-valia. Seu desenvolvimento histórico, vinculado ao comércio e ao consumo, implicou na devastação ambiental e na produção de desigualdades sociais que atingem de maneira diferenciada segmentos historicamente subalternizados, como as mulheres negras e idosas.

No Brasil, compreender essas expressões exige recuperar as determinações sócio-históricas que moldaram nossa formação social. O colonialismo e a escravidão constituíram-se como pilares de um modelo baseado na expropriação violenta dos corpos negros e indígenas, impondo padrões culturais, sociais e econômicos voltados à reprodução da ordem dominante (Moura, 2014). A ausência de políticas de reparação após a abolição perpetuou a marginalização das populações negras, submetidas à precariedade, ao desemprego e à exclusão social (Prestes, 2013).

[...] nenhuma política de reversão do racismo, nenhuma política de reparação, nenhuma estratégia para passar a remunerar quem trabalhava escravizado(a). Pelo contrário, o que sobrou aos(às) negros(as) foi a margem (geográfica e social), estratégias e leis do governo brasileiro para eliminar esse que agora era um incômodo sem utilidade, o elemento negro na constituição do povo brasileiro, e ainda lhes foi imposta a ausência de remuneração, de reconhecimento de suas contribuições e de oportunidade de trabalho (Prestes, 2013, p. 29).

Essa herança histórica atualiza-se nas formas contemporâneas da acumulação capitalista, em que a lógica da exploração e da desigualdade permanece operante. Como aponta a Oxfam (2022), a concentração de renda e riqueza no Brasil continua entre as maiores do mundo, evidenciando a permanência da lei geral da acumulação e das formas absolutas e relativas de extração de mais-valia. Mészáros (2009) já advertia que a crise do capital é endêmica e permanente, manifestando-se em ciclos de superexploração, desemprego estrutural e destruição ambiental.

No cenário brasileiro recente, marcado pela adoção de uma agenda ultraneoliberal, observa-se o aprofundamento das contrarreformas do Estado e a intensificação da precarização das condições de vida e trabalho (Behring, 2021; Boschetti, 2017). Santos (2020) assinala que tais transformações reafirmam velhas práticas de exclusão e desigualdade, ao mesmo tempo em que redefinem estratégias de manutenção da ordem vigente por meio da

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

privatização, da seletividade e da focalização das políticas sociais. Assim, os efeitos dessa agenda ultraneoliberal não se limitam ao campo econômico ou institucional, mas repercutem diretamente nas trajetórias de vida da população, incidindo de forma particular sobre o modo como se vive e se envelhece no país.

Refletir sobre os processos de envelhecimento no Brasil exige compreender que este não se restringe a uma dimensão biológica ou cronológica, mas é atravessado por determinações econômicas, políticas e sociais que estruturam a vida em sociedade. Na lógica do capitalismo dependente e periférico, o envelhecimento assume contornos de profunda desigualdade, na medida em que as condições de moradia, saúde, trabalho, lazer e renda são determinadas pela posição de classe, raça e gênero. Nesse sentido, como lembra Paiva (2014), envelhecer é um processo socialmente construído, em que a velhice expressa não apenas a passagem do tempo, mas também os limites e contradições de uma sociedade marcada pela desigualdade estrutural.

No caso das mulheres negras idosas, essas contradições são ainda mais visíveis, pois carregam em seus corpos os efeitos históricos da exploração colonial, da escravidão e da exclusão sistemática de direitos. O envelhecimento dessas mulheres revela a perversidade do capitalismo, que, ao mesmo tempo em que aprofunda desigualdades, invisibiliza trajetórias marcadas pelo trabalho precário, pela desproteção social e pelo racismo institucional. Como argumenta Teixeira (2019), é necessário reconhecer que o envelhecimento, quando analisado sob a ótica das desigualdades, evidencia a interseccionalidade das opressões, fazendo emergir a urgência de políticas públicas universais que assegurem dignidade e direitos às mulheres negras idosas.

Nesse processo, as mulheres negras idosas ocupam um lugar emblemático: são elas que experimentam de modo mais intenso as mazelas da desigualdade de classe, raça e gênero. Como analisam Solange Teixeira e Nanci Soares, o envelhecimento deve ser compreendido a partir das determinações sociais que o atravessam, revelando que não se trata apenas de um processo biológico, mas de uma construção social permeada por desigualdades estruturais. Nesse sentido, as expressões da questão social afetam de maneira ampliada as mulheres negras idosas, que enfrentam múltiplas formas de opressão.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

Nesse horizonte, o objetivo central da pesquisa consiste em analisar as implicações do capitalismo contemporâneo sobre o processo de envelhecimento de mulheres negras idosas, considerando as múltiplas dimensões de opressão que atravessam suas vidas – classe, raça, gênero e geração. A reflexão desenvolvida ancora-se na perspectiva crítica do Serviço Social, buscando problematizar os limites e os desafios impostos às políticas sociais no enfrentamento da questão social e na efetivação dos direitos humanos, bem como apontar a necessidade de construir alternativas que assegurem condições dignas de existência para esse segmento historicamente invisibilizado.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, voltada à análise crítica de produções acadêmicas — livros, artigos científicos, dissertações e teses — que discutem o envelhecimento, o capitalismo e as desigualdades estruturais. A pesquisa qualitativa, conforme Minayo (2014), permite compreender fenômenos sociais em sua complexidade e subjetividade, indo além da mensuração numérica e alcançando dimensões simbólicas e históricas. Já a pesquisa bibliográfica, segundo Fonseca (2002), consiste no levantamento, análise e discussão de materiais já publicados, constituindo importante base de fundamentação teórica.

O aporte metodológico do materialismo histórico-dialético possibilita analisar o envelhecimento de mulheres negras idosas em sua totalidade, historicidade e contradições, entendendo-o como expressão da questão social. Essa perspectiva orienta a reflexão crítica acerca das intersecções entre classe, raça, gênero e geração, e fundamenta a análise dos limites e desafios postos às políticas sociais na efetivação dos direitos humanos e na garantia de condições dignas de existência.

A UNIVERSALIDADE ABSTRATA DO ENVELHECIMENTO DAS MULHERES NEGRAS IDOSAS

No tocante ao envelhecimento, cabe destacar que, ao contrário de categorias fundantes da organização social como classe, raça e gênero, ele não possui em si mesmo capacidade explicativa da totalidade social. No entanto, sem que se compreenda o envelhecimento a partir dessas categorias estruturais, não é possível analisar em profundidade os impactos do

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

capitalismo na velhice, especialmente no caso das mulheres negras idosas. Se descolado dessas determinações, o debate sobre envelhecimento corre o risco de ser esvaziado em políticas abstratas e universais, que não alcançam os sujeitos concretos — e, nesse caso, mantêm a exclusão das mulheres negras e pobres do acesso a direitos sociais efetivos. Isso contraria o projeto ético-político do Serviço Social, que busca uma sociedade fundada na justiça social, na igualdade material e na defesa plena dos direitos humanos.

Desta forma, o envelhecimento das mulheres negras no Brasil não pode ser compreendido a partir de categorias abstratas ou universais. Conforme destaca Teixeira (2008), o envelhecimento é atravessado pelas desigualdades sociais, sendo vivenciado de modo mais duro pelas frações empobrecidas da classe trabalhadora, especialmente por mulheres negras, que enfrentam a sobreposição de múltiplas opressões. Nesse sentido, pensar a velhice de mulheres negras implica evidenciar como o capitalismo, ao lado do racismo estrutural e do patriarcado, produz condições de vida precarizadas, restritas em direitos e oportunidades, que repercutem em todo o curso da vida e se agravam na velhice.

Essa exclusão não é um fenômeno recente. Como bem aponta Martins (2012, p. 456), “numa conjuntura em que o processo de constituição capitalista se efetivava, o trabalho assalariado se coloca numa direção essencialmente excludente, de valorização do trabalhador branco (o imigrante europeu) como símbolo da redefinição social e cultural do trabalho no país”. Tal lógica relegava a população negra a uma posição de marginalização social e econômica, estabelecendo um padrão de discriminação que atravessa gerações e se manifesta de forma ainda mais aguda no envelhecimento.

Questões como o racismo afetam diretamente e indiretamente o envelhecimento da população negra, uma vez que este é marcado por múltiplas determinações sócio-históricas (Rabelo et al., 2018). Como ressalta Neri (2013 apud Rabelo et al., 2018), as pessoas negras idosas, em sua maioria, vivenciaram condições de baixa escolaridade, pobreza e exclusão de direitos fundamentais, o que agrava os preconceitos e estereótipos raciais e de classe e limita o acesso à saúde, à proteção social e a uma velhice digna.

Além do racismo, o sexismo e o patriarcado também moldam as experiências do envelhecimento feminino. Scott (1995) já alertava que o patriarcado estrutura relações de

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

poder hierárquicas, relegando as mulheres ao espaço doméstico e reprodutivo. Mesmo com transformações sociais, esse sistema permanece vivo e é reforçado pelo neoliberalismo, que intensifica a exploração da força de trabalho feminina, sobretudo a racializada (Fialho; Queiroz, 2018). Assim, mulheres negras idosas chegam à velhice após trajetórias de vida marcadas pelo trabalho precarizado, pelo cuidado não remunerado e pela desproteção previdenciária, o que reduz drasticamente suas condições de sobrevivência.

As mulheres com idade acima de 60 anos enfrentam ainda desafios relacionados à desvalorização social da velhice feminina, muitas vezes associada a estereótipos negativos, como lembra Salgado (2002), ao apontar que o imaginário social reproduz representações da mulher idosa como bruxa, feia ou malvada. Essas construções simbólicas se somam às vulnerabilidades materiais e psíquicas, reforçando processos de exclusão e invisibilidade.

Desta forma, o retrato das desigualdades raciais e de gênero no Brasil é visível nos indicadores de renda. Mesmo com avanços pontuais, a distância permanece gritante quando se observa a situação das mulheres negras.

“O rendimento médio das mulheres negras era equivalente, em 2009, a 40% do rendimento dos homens brancos, enquanto o das mulheres brancas equivalia a 68% do rendimento dos homens brancos” (ONU, 2011, p. 7).

Nesse sentido, pensar a velhice de mulheres negras implica evidenciar como o capitalismo, ao lado do racismo estrutural e do patriarcado, produz condições de vida precarizadas, restritas em direitos e oportunidades, que repercutem em todo o curso da vida e se agravam na velhice. Como demonstram os dados do IBGE (2010; 2017), as mulheres negras possuem menor escolaridade, maior índice de desemprego e rendimentos mais baixos do que as mulheres brancas, condições que se acumulam ao longo da vida e impactam diretamente a velhice. Nesse sentido, como já destacado pelo relatório da ONU (2011), a renda das mulheres negras segue muito inferior em comparação aos homens brancos e às próprias mulheres brancas, evidenciando a persistência da desigualdade estrutural.

A categoria dos trabalhadores domésticos é formada por aproximadamente 7 milhões de profissionais, sendo que, entre as mulheres, 61,7% são negras. Historicamente, o trabalho doméstico é a principal porta de entrada das mulheres negras no mercado de trabalho e é onde a violação de direitos é

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

mais evidente: praticamente 75% das trabalhadoras não têm carteira assinada. (ONU, 2011, p. 7)

A ausência de políticas de reparação histórica após a escravidão relegou a população negra à margem da sociedade, desprovida de remuneração, reconhecimento e oportunidade de trabalho (Prestes, 2013). Essa exclusão fundante se atualiza no capitalismo contemporâneo por meio do desemprego estrutural, da precarização das relações de trabalho e da informalidade, que configuram expressões permanentes da questão social. Para as mulheres negras, esse cenário é ainda mais severo, uma vez que carregam uma dupla penalização: a racial, que as coloca em posições subalternizadas, e a de gênero, que historicamente as vinculou ao trabalho reprodutivo não remunerado e ao subemprego.

Como enfatiza Iamamoto (2008), a precarização do trabalho expressa não apenas a exploração da força de trabalho, mas também a ampliação das desigualdades sociais, na medida em que fragiliza o acesso à proteção social e compromete a reprodução da vida. No caso das mulheres negras idosas, as marcas dessa exploração se acumulam ao longo da trajetória laboral, resultando em aposentadorias insuficientes ou inexistentes, dependência econômica e condições materiais precárias na velhice.

A questão social, nesse contexto, se expressa de forma racializada e generificada. Lélia Gonzalez (1988) já alertava que as mulheres negras constituem a base da pirâmide social, concentradas nos trabalhos mais desvalorizados e mal remunerados, sobretudo no emprego doméstico. Essa realidade se reproduz no envelhecimento, em que as idosas negras carregam as consequências de uma vida inteira dedicada a trabalhos precarizados e invisibilizados, sem que lhes fosse garantida a devida contrapartida em termos de seguridade social.

A precarização, ao se intensificar nos marcos do neoliberalismo, reforça desigualdades de classe, raça e gênero. Behring (2021) e Boschetti (2017) apontam que as contrarreformas do Estado e a mercantilização das políticas sociais reduzem o acesso a direitos, tornando seletivo e focalizado aquilo que deveria ser universal. Para as mulheres negras idosas, isso significa maior dificuldade em acessar serviços de saúde, previdência e assistência, aumentando a vulnerabilidade na velhice.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

Nessa direção, a reflexão de Devulsky (2016) é fundamental ao lembrar que a luta contra o racismo precisa ser necessariamente antcapitalista, pois de outra forma corre o risco de reduzir-se a uma mera integração da população negra na sociedade salarial, sem questionar as estruturas de exploração que a sustentam. Do mesmo modo, Akotirene (2019) reforça que a interseccionalidade é chave para compreender a sobreposição das opressões, já que a condição das mulheres negras idosas só pode ser entendida a partir da articulação entre classe, raça e gênero.

Desse modo, fica escancarado como o racismo foi abrindo caminhos para o abismo social entre negros e não negros na sociedade brasileira. O racismo estrutural, como aponta Almeida (2019), não é um desarranjo institucional, mas a própria engrenagem que organiza a sociedade brasileira. No envelhecimento, isso se expressa na invisibilidade das idosas negras nas políticas públicas, como se o processo de envelhecer fosse homogêneo. Essa falsa universalidade, denunciada por Beauvoir (1990), mascara o fato de que mulheres negras idosas vivenciam uma velhice marcada pela pobreza, pelo adoecimento precoce e pela exclusão social.

O envelhecimento dessas mulheres, portanto, não pode ser analisado como um fenômeno biológico ou natural, mas como resultado de um processo histórico de exclusão e precarização. Como sublinha Sueli Carneiro (2011), a luta das mulheres negras não é apenas por inclusão, mas pelo reconhecimento de sua centralidade histórica e pelo enfrentamento das estruturas que perpetuam sua marginalização. Reconhecer o envelhecimento das mulheres negras como expressão da questão social é, assim, uma tarefa indispensável ao Serviço Social crítico, comprometido com a defesa dos direitos humanos e com a construção de uma sociedade emancipada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do envelhecimento de mulheres negras idosas revela-se como um prisma para a compreensão das mais profundas contradições do capitalismo brasileiro. Evidencia-se que as mulheres negras ocupam lugar central na estruturação das relações de exploração e opressão da sociedade capitalista. Ao longo de suas vidas, seus corpos foram apropriados e

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

desvalorizados, tanto pela expropriação de sua força de trabalho quanto pela imposição de papéis sociais subalternos, que repercutem diretamente em seu processo de envelhecimento.

É fundamental, portanto, questionar a naturalização do envelhecimento e denunciar as formas de opressão que marcam a velhice das mulheres negras, reconhecendo-a como expressão da questão social. Nesse sentido, o direito de envelhecer com dignidade e qualidade de vida, embora previsto nas diretrizes das políticas públicas, permanece cercado por desafios que comprometem sua efetivação, sobretudo quando analisamos a realidade das idosas negras pobres.

Fixando-se como uma realidade escancarada, como as mulheres negras idosas enfrentaram a superexploração de seu trabalho, a invisibilidade de suas contribuições e a imposição de papéis sociais subalternos. O envelhecimento, nesse contexto, não representa um estágio de repouso ou desfrute, mas sim a manifestação da crueza de um sistema que se apropria de seus corpos e os descarta. É por isso que o discurso do "envelhecimento ativo", embora bem-intencionado em sua origem, pode ser cooptado pela lógica neoliberal, que o transforma em uma responsabilidade individual, mascarando as desigualdades estruturais que impedem o acesso a uma velhice digna.

Desta forma, as políticas públicas, muitas vezes ancoradas em um universalismo abstrato, falham em responder às demandas específicas desse grupo. A ausência de uma perspectiva interseccional resulta em lacunas que perpetuam a exclusão. Não basta defender direitos no papel; é preciso que as políticas sociais reconheçam e compensem o histórico de desigualdades, assegurando o direito ao cuidado, à saúde e à dignidade.

Assim, reafirma-se a urgência de políticas sociais universais e efetivas, que incorporem a perspectiva interseccional e histórica, reconheçam as desigualdades acumuladas ao longo da vida dessas mulheres e assegurem condições reais de dignidade. Mais do que defender direitos abstratos, trata-se de lutar pela construção de uma sociedade justa e igualitária, em que o envelhecimento das mulheres negras idosas não seja sinônimo de exclusão, mas de reconhecimento, cuidado e cidadania plena.

REFERÊNCIAS

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Brasil em contra-reforma**: desestruturação do Estado e perda de direitos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

BOSCHETTI, Ivanete. **Assistência social e trabalho**: direitos, resistências e reprodução social. São Paulo: Cortez, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DEVULSKY, Guilherme Cabral. A luta antirracista no contexto do capitalismo dependente. **Revista de Serviço Social**, v. 37, n. 2, p. 222-240, 2016.

FIALHO, Cynthia; QUEIROZ, Maria do Carmo. Patriarcado, gênero e desigualdades no Brasil contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 3, p. 1-15, 2018.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo e Presença**, n. 235, p. 1-7, nov. 1988.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2017**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 set. 2025.

LIMA, Telma Cristina Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

MARTINS, Carolina C. de Souza. **São Luís, cidade negra**: cultura popular e Pós abolição no Maranhão. 2012. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org>. Acesso em: 7 set. 2025.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?

O CAPITALISMO PERVERSO E AS MAZELAS NAS DIFERENTES ESFERAS DA VIDA DE MULHERES NEGRAS IDOSAS

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Relatório sobre a situação das mulheres negras no Brasil**. Brasília: ONU, 2011.

OXFAM. **Relatório sobre desigualdade no Brasil 2022**. Disponível em: <https://oxfam.org.br>. Acesso em: 3 set. 2025.

PAIVA, Vera. O envelhecimento como questão social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Os muitos Brasis**: saúde e população na década de 80. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 201-220.

PRESTES, Vanilda. **O legado da escravidão no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

RABELO, T. L. et al. O envelhecimento da população negra e as políticas de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 11, 2018.

SALGADO, M. F. A. A velhice e o seu lugar na mídia. In: FREITAS, E. V. de et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 132-137.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOARES, Nanci. Envelhecimento e políticas públicas: contradições e desafios. **Serviço Social em Revista**, v. 22, n. 2, p. 45-62, 2020.

TEIXEIRA, Solange. O envelhecimento como expressão da questão social. **Textos & Contextos**, v. 7, n. 1, p. 1-13, 2008.

TEIXEIRA, Solange. Envelhecimento, desigualdades e políticas sociais: reflexões críticas. In: SOARES, Nanci; TEIXEIRA, Solange (orgs.). **Envelhecimento e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2019. p. 15-34.

Publicado em 10 de novembro de 2025. Responsável pela aprovação final: Maria José de Oliveira Lima.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34 n. 2 (2025): DOSSIÊ: 10 anos após a Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas: normatizado e ou implementado?